

Reflexões sobre o papel social da escola

Carolina Machado Rocha Busch Pereira

Doutora em Geografia/USP

Profa. da Universidade Federal do Tocantins - UFT

carolinamachado@uft.edu.br

Denis Ricardo Carloto

Doutor em Geografia pela USP

Prof. da Universidade Federal do Tocantins - UFT

denis@uft.edu.br

Resumo

O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre a função social da escola e o papel do professor. A perspectiva teórica da reflexão é adensada na teoria de António Nóvoa sobre a escola baseada na aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa teórica de natureza bibliográfica sobre a educação na contemporaneidade.

Palavras-chave: Educação; Aprendizagem; Professor.

Reflexions on the social role of the school

Abstract

The present research reflects on the school's social function and the role of the teacher. The theoretical perspective of reflection is based on António Nóvoa's theory of school-based learning. This is a theoretical research literature nature on education in contemporary times.

Keywords: Education; Learning; Teacher.

Reflexiones sobre el papel social de la escuela

Resumen

Este artículo presenta una reflexión sobre la función social de la escuela y el papel del profesor. La perspectiva teórica de la reflexión es denso en la teoría del aprendizaje de António Nóvoa. Esta investigación es de naturaleza teórica, y el carácter literaria sobre la educación en la época contemporánea.

Palabras clave: Educación; Aprendizaje; Profesor.

INTRODUÇÃO

Este estudo é de natureza bibliográfica, caracterizando-se, segundo Gil (2002) como uma pesquisa elaborada a partir de materiais já publicados, priorizando a utilização de livros e artigos científicos, com o intuito de refletir sobre determinado tema, neste caso, a escola e sua função social.

Escola é um substantivo feminino definido em geral como um estabelecimento público ou privado onde se ministra, sistematicamente, ensino coletivo (FEREIRA, 2004). Um lugar destinado ao aprendizado. Temos muitas escolas e as diferenças entre elas, não são, apenas, restritas ao universo público e privado, temos diferenças entre as escolas públicas e também entre as privadas, mas a preocupação neste texto é pensar e refletir sobre a escola pública.

A escola atualmente não agrada muita gente e, é comum escutarmos queixas sobre a escola. Pais, professores, alunos, funcionários, comunidade do entorno são unívocos em afirmar que a escola vai mal e que não está funcionando como deveria. Mas o que esperamos das escolas? E qual é a função social da escola na atualidade?

Para muitos pais e mães, quando o assunto é escola, o desejo é tão somente uma vaga na escola mais próxima da sua casa, para que seus filhos estejam em um lugar seguro e que estando lá, possam aprender a ler, escrever, somar e de quebra preservar a natureza, valorizar a cultura e conhecer um pouco da História e da Geografia do município, do estado, do país e do mundo. E para os que conseguem a tão sonhada vaga, o anseio é que a escola prepare para o mercado de trabalho.

Já para os professores as escolas são locais de trabalho, onde deveriam passar no máximo 8 horas do dia, mas diante do aumento significativo de trabalho, funções e tarefas que o sistema escolar impõe, essa carga horária tem sido muito maior, sem contar que as escolas nem sempre contam a estrutura adequada para o exercício docente (a falta de computadores com internet impede que os professores façam os diários e registros da escola na escola, sendo necessário realiza-los em locais privados). Classes lotadas, programas extensos, estrutura física precária, recursos didáticos ínfimos, são algumas das mazelas ainda encontradas na maioria das escolas públicas e que, portanto determinam condições ruins de trabalho para os professores e funcionários. Longe de estarem satisfeitos, os professores em geral sentem-se cansados e frustrados (ALVES, 1995).

Facci (2004) apresenta uma reflexão a partir de uma pesquisa realizada com professores, onde pôde constatar que além dos salários baixos e sobrecarga de trabalho, existe um sentimento permanente de desvalorização que vem acompanhado por problemas sociais

presentes no contexto escolar, e que exigem dos professores atividades que não estão diretamente ligadas ao ato de ensinar, como auxiliar na resolução dos problemas familiares dos alunos. Isso mostra o quanto o professor está sobrecarregado de ações, tarefas, cercado de situações que precisam de uma resolução imediata, colocando-os em posições até mesmo contraditórias com o seu papel de educador.

O PAPEL SOCIAL DA ESCOLA PÚBLICA

A escola nem sempre é um lugar acolhedor. Professores e alunos nem sempre se sentem à vontade, porque se trata de um lugar para pessoas caladas, compassivas, o contrário do que representam as crianças e adolescentes de hoje em dia, que são ativos, faladores, espertos, curiosos, alegres e vivos.

Uma escola que oportuniza aprendizagem e formação é aquela que permite o desenvolvimento integral do aluno. Isto inclui aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais. A escola não é dos professores e nem dos alunos, a escola é de toda a sociedade e deve ser pensada e planejada por todos os envolvidos.

A escola é um local de inúmeras funções, regras e leis a serem seguidas, onde não se disponibiliza o tempo necessário para realizar reflexões sobre a educação, sobre o saber científico e sobre as práticas pedagógicas.

Hunt (2011) em reflexão sobre o sentido da escola afirma que as escolas funcionam à base do pressuposto de que a aprendizagem pode ser imposta por meio de vários tipos de coação, manipulação, recompensas e castigos. A autora observa que sistema escolar acredita que há várias etapas que as crianças têm que alcançar numa determinada idade. Obviamente, segundo Hunt (2011), estes pressupostos são falsos, mas nossa dificuldade em abandoná-los advém das marcas deixadas pela nossa própria infância.

Ruth Rocha, no texto “Quando a Escola é de Vidro” (1983), faz uma crítica a esse modelo de escola homogeneizante. Ao lê-lo concluímos que as crianças e os jovens mostram a “emergência de multiplicidades enquanto subjetividade parcial não totalizável”. O texto aponta para o desejo da escola de padronizar seus alunos dentro de um formato estabelecido por ela em prol da massificação, fala ainda da impossibilidade apresentada por alguns alunos em fazer parte e aceitar, mesmo que com sofrimento, esta condição.

A escola como ato social foi assim vista pela primeira vez pelo pedagogo Émile Durkheim (ALPERT, 1945), que defendia a postura social que a escola e a educação em si,

devem permear. Apesar deste autor não ter desenvolvido modelos pedagógicos, suas ideias ajudaram a compreender o significado social do trabalho do professor, onde a educação escolar deixa de ser vista de forma individualista e sim através de uma perspectiva coletiva.

Segundo Freitag (1974) a escola emerge como uma instituição fundamental para a constituição do indivíduo e para ele próprio, da mesma forma como emerge para a evolução da sociedade e da própria humanidade. A escola como instituição social possui objetivos e metas, empregando e reelaborando os conhecimentos socialmente produzidos.

A escola, enquanto espaço de desenvolvimento e aprendizagem, envolve todas as experiências contempladas no processo de educar, considerando tudo como significativo: aspectos culturais, cognitivos, afetivos, sociais e históricos, os quais estão inseridos nas interações e relações entre os diferentes segmentos presentes na escola. Assegurar o direito a educação escolar em igualdade de condições de entrada e permanência pela oferta de ensino público e gratuito e de qualidade em todos os níveis de ensino, é um dos maiores desafios da educação atual, mesmo que tais questões já sejam amparadas pela Lei 9.394/90 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional – LDB (BRASIL, 1996).

Segundo Libâneo (2007) são três os objetivos da escola: (1) *“a preparação para o processo produtivo e para a vida em uma sociedade técnico-informacional; (2) formação para a cidadania crítica e participativa; (3) formação ética”*.

Em relação ao primeiro objetivo, a escola deverá preparar o indivíduo para o mundo do trabalho, inseri-lo no meio tecnológico, capacitá-lo para a compreensão e uso das novas tecnologias, bem como promover a sua formação sociocultural. O segundo objetivo aponta para a formação de um aluno capaz de exercer a cidadania, compreender e aplicar os direitos de cada indivíduo, ser crítico e participar dos processos de transformação da sociedade, opinando, interferindo positivamente. Por último, o terceiro objetivo aponta para uma formação ética, que compreenda os valores morais, a ideia de limites, certo e errado.

Nesta ótica, a escola deverá aplicar a ideia de *intersectorialidade*, que significa a união com todos os setores da sociedade que possibilitem a formação integral do aluno e, conseqüentemente, a qualidade do ensino. Esse processo de união *intersectorial* extingue o trabalho solitário muitas vezes realizado pela escola e comumente relacionado ao fracasso educacional.

Sobre a função da escola Libâneo afirma que a escola deve ajudar os alunos a desenvolver suas capacidades intelectuais e cognitivas frente a um conjunto de problemas sociais existentes no mundo hoje e que afetam a juventude. Por conseguinte os professores ao

ensinar, devem organizar os conteúdos levando em conta as características dos alunos, uma vez que a escola não detém mais o monopólio do saber, como ocorria no passado. Os alunos chegam às escolas com conhecimentos adquiridos sob outras formas de aprendizado e em outros espaços.

Mesmo considerando a importância do aluno no processo de aprendizagem e no desempenho da escola, tem uma questão pertinente que deve ser abordada numa reflexão sobre a função da escola é que a dicotomia entre uma escola centrada no aluno e uma escola centrada na aprendizagem.

O dilema da escola centrada no aluno ou na aprendizagem, é muito importante, segundo Nóvoa (2007) porque diferente do que se pensavam a escola deve estar centrada na aprendizagem.

Segundo Nóvoa (2007, p. 6)

Há hoje [na escola] um excesso de missões. A sociedade foi lançando para dentro da escola muitas tarefas – que foram aos poucos apropriadas pelos professores com grande generosidade, com grande voluntarismo –, o que tem levado em muitos casos a um excesso de dispersão, à dificuldade de definir prioridades, como se tudo fosse importante. Muitas das nossas escolas são instituições distraídas, dispersivas, incapazes de um foco, de definir estratégias claras. E quando se enuncia cada uma dessas missões ninguém ousa dizer que não são importantes. Mas a pergunta que se deve fazer é: a escola pode fazer tudo? É preciso combater esse “transbordamento”. Tudo é importante, desde que não se esqueça de que a prioridade primeira dos docentes é a aprendizagem dos alunos.

O autor chama de "transbordamento" as atribuições impostas à escola, seja pela sociedade ou pelo Estado, e que precisam ser analisadas para não dispersar a prioridade principal da escola e dos docentes, que é a aprendizagem dos alunos.

A pedagogia moderna (NEVES, 2005; LIBÂNEO, 2011) questiona os paradigmas do sistema de ensino, que transformaram o aluno no centro das discussões pedagógicas. E atualmente discute a centralidade das questões pedagógicas com foco no aluno, na aprendizagem e no conhecimento. É certo que a aprendizagem está relacionada ao aluno, desta forma é *mister* considerar o seu desenvolvimento integral.

Nesta perspectiva é necessário fortalecer a escola com foco na aprendizagem, considerando o aluno e o conhecimento como de fundamental importância para o processo ensino e aprendizagem. A aprendizagem não acontece sem aluno, sem considerar as referências às suas subjetividades, sem considerar os seus contextos sociais, suas sociabilidades, ou seja, o seu contexto de realidade (NÓVOA, 2007).

Segundo Libâneo (2012) a aprendizagem não acontece sem o conhecimento e sem a aprendizagem desses conhecimentos, ou seja, sem o domínio dos conhecimentos científicos das respectivas disciplinas escolares. Esse conhecimento, só pode acontecer via escola, compreendida como o espaço para constituir a sociedades do conhecimento, capaz de acompanhar o desenvolvimento contemporâneo.

Segundo Libâneo (2012) a escola centrada na aprendizagem tem que proporcionar um patamar comum de conhecimentos. A ideia de que se pode alcançar um patamar comum de conhecimentos, que se pode atingir verdadeiramente sucesso, deve ser uma exigência dos docentes, e compreendida como um ato civilizatório. Falar de um patamar comum de conhecimentos é também falar de um compromisso ético dos professores (NÓVOA, 2007).

Por fim, uma escola focada na aprendizagem deve ser um local onde as crianças aprendem a estudar, aprendem a trabalhar, aprendem a se relacionar com o mundo e com os outros de forma ética, responsável, respeitosa e organizada.

Segundo Nóvoa (2007) atualmente há um déficit na sociedade:

[...] as crianças aprendem pouco, a estudar e a trabalhar. É um problema que se pode verificar nos países do sul da Europa, nas escolas portuguesas, italianas, gregas, em parte das francesas, e também nos países da América do Sul, diferentemente do que se vê nos países do norte da Europa, cujas escolas estão bastante focadas na aprendizagem do estudo, do trabalho, do trabalho autônomo, em grupo, no trabalho cooperativo. É central dispormos dessas ferramentas, principalmente quando se discute a importância da aprendizagem por toda a vida (NÓVOA, 2007, p. 14).

A educação está em permanente processo de mudança uma vez que é influenciada pela revolução das técnicas, desta forma a educação se transforma a todo instante.

Para uma escola atenta as mudanças que impactam a sociedade, todo o coletivo envolvido no processo educacional (professores, alunos, pais e gestão) deve acompanhar a mudança e fazer parte da inovação e transformação da escola, uma vez que o contexto social, político, econômico e cultural estão inseridos na vida da instituição e das pessoas que dela fazem parte.

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade (PIMENTA, 2000, p.19).

Partindo da premissa de que a aprendizagem é um processo contínuo e gradativo, que permeia todas as etapas do desenvolvimento do ser humano e integra seus aspectos físico, intelectual, emocional e social, é que se pode compreender a aprendizagem como processo contínuo e permanente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante conhecer e refletir sobre quais são as funções da escola para que possam ser traçados com clareza os objetivos pretendidos na formação dos alunos. A escola é concebida como uma instituição que pode ser transformadora e como um instrumento de modificação da sociedade atual. E, também, deveria ser um espaço onde todos tivessem igual acesso ao conhecimento científico. O acesso à escola, bem como a permanência dos alunos nela, tem que ser uma das funções prioritárias dos Governos, e a sociedade deve buscar a garantia desses direitos. Melhorar a escola é o primeiro passo de um longo caminho que ainda temos pela frente para transformar e melhorar a sociedade.

Uma escola recheada de professores com grande domínio de conteúdos e com uma equipe atenta aos alunos e as características dos mesmos será uma boa resposta às exigências do mundo contemporâneo.

A educação centrada na aprendizagem compreende o processo em permanente integração com o aluno e com o professor, de maneira histórica e culturalmente situada. É uma forma de ver a educação que entra em conflito com a maneira comum de proceder das escolas atuais, as quais dirigem seus esforços no sentido de munir o aluno com conhecimentos e habilidades necessários ao desempenho de uma determinada profissão.

Considerando o contexto atual de um mundo globalizado e tecnológico, faz-se necessário refletir sobre uma escola que possa atender aos anseios e necessidades dos alunos, os quais solicitam do ambiente escolar muito mais que um espaço de transmissão dos saberes curriculares e sim de um espaço formador da cidadania, uma vez que o período de escolarização também é um momento de formação do sujeito.

Ao defender a escola centrada na aprendizagem Nóvoa (2007) afirma que a escola precisa ser menos "transbordante" e mais direcionada. Sendo fundamental que os alunos saiam da escola com um patamar comum de conhecimentos para que todos possam estar nas mesmas condições de conhecimento na sociedade.

Considerando que a aprendizagem é complexa e permeia diferentes caminhos para se constituir, é consenso entre os autores estudados (FACCI, 2004; NÓVOA, 2007; LIBÂNEO, 2012; NEVES, 2005) que o processo depende fundamentalmente dos aspectos cognitivos, emocionais e sociais do aluno, e não há como instituir um currículo de ensino que não esteja respaldado nos aspectos atuais de respeito à diversidade cultural, social, econômica, política e de saberes constituídos pelos alunos (dentro e fora da escola). Esse currículo está posto para as escolas, mas, ainda na concepção teórica, conceitual, havendo necessidade de uma longa caminhada de formação para os professores, na perspectiva dos novos paradigmas pedagógicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALPERT, Harry. **Durkheim**. México: Fundo de Cultura Econômica, 1945.

ALVES, Zélia M. M. Biasoli. Professores de escola pública: formação e atuação profissional. **Revista Paidéia**, Ribeirão Preto, FFCLRP, fev.-ago. 1995, p. 17-36. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/n8-9/03.pdf>>. Acesso em: 30 de agosto de 2015.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96**. Brasília: 1996.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?** Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana. Campinas: Autores Associados, 2004.

FERREIRA Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Positivo, 2004.

FREITAG, Barbara. **Escola, estado e sociedade**. 5. ed. São Paulo: Moraes, 1984.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HUNT, J. Escola pra quê? **Revista Galileu**. Rio de Janeiro, Ed. Globo, 2011. 88 p.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para que?** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. O declínio da escola pública brasileira: apontamentos para um estudo crítico. In: LOMBARDI, José C. e SAVIANI, Dermeval (Orgs.). **História, educação e transformação: tendências e perspectivas para a educação pública no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011.

_____. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa**, v. 38, n. 1, mar. 2012.

NEVES, Lucia M. W. (Org.). **A nova pedagogia da hegemonia: estratégia do capital para educar o consenso**. São Paulo: Xamã, 2005.

NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 1995.

_____. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

_____. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. Sinpro, SP, 2007. Disponível em: < http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf>. Acesso em: 30 de agosto de 2015.

ROCHA, Ruth. Quando a escola é de vidro. In: _____. **Admirável mundo louco**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1986.

Artigo recebido em: 12/04/2016

Aprovado em: 28/04/2016